

## LIBERTAÇÃO DOS PRESOS POLÍTICOS SAHARAÚS

A denúncia das prisões arbitrárias, tortura, julgamentos injustos e presos políticos sujeitos a pesadas penas e a viver em condições degradantes nas prisões marroquinas não é de agora, mantém-se desde que Marrocos invadiu ilegalmente o território, em novembro de 1975. A exigência e as campanhas pela sua libertação têm ocorrido desde então.

O que mudou foi a preocupação pelo efeito da pandemia de COVID-19 nas prisões em todo o mundo, e o consequente apelo de muitas instâncias<sup>1</sup>, começando pelas Nações Unidas: *“Agora, mais do que nunca, os Governos deveriam libertar todas as pessoas detidas sem suficiente base legal”* (Michelle Bachelet, Alta-Comissária para os Direitos Humanos da ONU, 25 de Março). Alguns dias depois, o seu porta-voz insistiu para que fossem libertadas *“todas as pessoas detidas sem suficiente base legal, incluindo presos políticos, e as que foram presas por terem expresso opiniões críticas ou dissidentes. Em países onde estão a ser libertados largos grupos de prisioneiros, este tipo de detidos não estão necessariamente a ser libertados”* (3 de Abril).

Foi exactamente o que aconteceu em Marrocos. O rei Mohammed VI perdoou 5.654 prisioneiros (5 de Abril), mas nenhum preso político, saharauí ou marroquino, foi libertado. Todos continuam a viver em cadeias superlotadas, sem nenhuma condições de higiene nem possibilidade de distanciamento social, com uma assistência médica praticamente inexistente, e sujeitos às humilhações, maus tratos e torturas de sempre.

O Colectivo de Defensores Saharauís dos Direitos Humanos (CODESA), dirigido pela activista Aminetou Haidar, enviou a 7 de Maio uma carta a Michelle Bachelet, pedindo-lhe que activasse as medidas apropriadas para libertar os presos políticos saharauís que viram a sua situação agravada por causa da pandemia. Todos têm problemas de saúde devido à tortura que sofreram e não têm acesso a medicamentos ou assistência médica, o que os coloca em maior risco em relação à COVID 19 (que já entrou nas prisões marroquinas).

Nas últimas semanas, enquanto se reclamava a libertação dos presos políticos saharauís, a violência no Sahara Ocidental ocupado não parou.

No dia 12 de Maio o Tribunal de Apelação de El Aiun confirmou a sentença de 20 anos de prisão do activista saharauí **Faraji Dada**, detido em Dezembro passado na cidade de Smara e acusado de “incendiar um veículo da policia marroquina e violência contra funcionários públicos”. O jovem negou sempre a acusação, que não foi provada, e a advogada espanhola Ana Sebastián, que ia participar como observadora internacional no julgamento, foi impedida pelas autoridades marroquinas de entrar no território.

Bamba Elfakir, pai da ativista **Mahfouda Elfakir** (recentemente libertada após cumprir 6 meses de prisão), denunciou que até ao dia 15 de Maio foi a sua filha quem esteve presa, mas desde a sua libertação toda a família foi privada de liberdade. Ninguém pode entrar ou sair de casa e quem quiser entrar é espancado e expulso pelos agentes marroquinos.

O jornalista de imagem saharauí **Ibrahim Amrikli**, de 23 anos, foi detido em 15 de Maio, por quatro policia à paisana, em frente de casa, quando estava a caminho de uma farmácia, munido de um documento oficial das autoridades marroquinas que lhe permitia ter movimento restrito livre. 48 horas depois, após ter sido espancado e cuspidado, foi solto sob uma fiança de 305,12 dólares. Será julgado em setembro próximo, por “insultar” um funcionário durante o exercício das suas funções e “violiar o estado de emergência em quarentena”.

A casa da activista saharauí dos direitos humanos **Sultana Khaya** foi atacada pelas forças de ocupação marroquinas durante a noite, sem qualquer mandado de busca. Ela e a irmã foram intimidadas, insultadas, os agentes cuspiram nelas e espancaram-nas (notícia de 26 Maio).



<sup>1</sup> Entre outras, a Amnistia Internacional, a Fundação Robert F. Kennedy Human Rights e dezenas de Relatores e mecanismos Especiais da ONU. O Ministro dos Negócios Estrangeiros norueguês, Ine Eriksen Soreide, declarou que *“As autoridades norueguesas conhecem bem a situação nas prisões marroquinas, e partilham a preocupação sobre a situação dos defensores de direitos humanos saharauís”* (22 de Abril).